

A última bala de Pitta



Ou trai quem pediu votos para ele ou cai por traír quem votou nele para prefeito

Os operários da Santista Alimentos, quando se sentam para comer, e os missivistas deste jornal, quando se dispõem a escrever, têm, pelo menos, uma unanimidade: todos ficam indignados com a concessão da medalha do Mérito Militar ao prefeito de São Paulo, Celso Pitta. Diante da constatação dessa unanimidade, e mesmo considerando a hipótese (no caso remota) de Néelson Rodrigues ter tido razão quando escreveu que toda unanimidade seria burra, fica difícil imaginar como o alcaide no poder pode ainda alcançar suficiente legitimidade para mobilizar a opinião pública, forçando a Câmara Municipal a aceitar as medidas anticorrupção que agora ele vem propondo.

No entanto, por incrível que pareça, Pitta em pessoa ainda é a boa chance que a cidade tem de acabar com o loteamento espúrio de São Paulo por funcionários e políticos corruptos. O governador do Estado, Mário Covas, precisa entender logo isso e transmitir essa sinalização aos vereadores de seu partido, o PSDB, antes que o PT, com seu instinto opositor cego e surdo, faça o jogo de alguns vereadores, também do interesse de Maluf, acelerando seu impeachment. A tarefa é facilitada pelo fato de ser o linchamento político de Pitta do alto interesse de muitos figuras da política estadual e até federal, conforme indica claramente a súbita, mas nem por isso surpreendente, condenação pública do prefeito pelo presidente do Congresso, senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA).

A bem da verdade, é preciso

esclarecer que para o mesmo processo de impeachment também muito tem contribuído seu réu. Pois, não se sabe se por temer represálias do grupo político do qual é oriundo ou por não querer assumir a pecha de traidor, o próprio Pitta tem encenado uma comédia de erros, que começou pela contratação de um advogado trapalhão e terminou pela entrega ao procurador-geral do Estado, Luiz Antônio Marrey Filho, de um ridículo dossiê, cujo teor já era soberamente conhecido pelo destinatário, em nada acrescentando ao que polícia e Ministério Público haviam conseguido. Isso é bem pouco, a julgar pela decisão da Justiça de considerar a argumentação escassa para abrir processos contra vários acusados, por mais evidente que pareça ser sua culpa.

De qualquer maneira, a esta altura do campeonato, ou o pre-

feito toma juízo ou seu pescoço será oferecido em holocausto para que tudo se mantenha como dantes no quartel de Abrantes – e, o mais grave de tudo, em nome dos bons costumes e da moralidade pública. Tomar juízo significa parar de engendrar golpes de marketing político, como a entrega do dossiê de brisa, e de temer eventuais retaliações, seja do pai político e ex-patrão Paulo Maluf, seja de suas “bancadas de apoio” na Câmara Municipal. Significa, principalmente, agir sem demora e falar sem medo.

Os cidadãos paulistanos não nutrem mais a esperança de que a atual administração tape os buracos que tinha de tapar ou faça os piscinões que evitariam as enchentes do inverno que vem. O que o prefeito pode fazer para escapar do impeachment agora e, quem sabe, ainda garantir alguma sobrevivência política é desbaratar a *máfia da propina* e desmontar o esquema de corrupção, que tem sofrido duros golpes, mas ainda respira, à espera de uma trégua para ressurgir, qual fênix, do fundo dos infernos.

Dois cenários surgem com

clareza absoluta. Num deles, a Câmara apresenta às garras da opinião pública a carne de uma ou duas vítimas. Vicente Visconde é a primeira vítima ideal: não tem nome, poder nem prestígio. Com sua cassação, seus colegas pensam aplacar a indignação popular e conseguir a munição de que precisam para abater Pitta. Se necessário, não faltará quem se engaje na execução sumária do deputado estadual Hanna Garib, de quem poucos têm dó, por ser arrogante e falastrão. Mas o antigo recurso ao bode expiatório só terá fim quando Pitta for decapitado. Com o prefeito do maior município brasileiro impedido, quem é que ainda se vai preocupar em caçar fantasmas no Anhembi e na Prodam ou prender larápios na Câmara? Se Pitta tiver morte política prematura, papai Maluf tentará recobrar seu sétimo fôlego de gato, que, obstinado otimista, ele ainda espera ter, embora isso não seja muito provável.

Esse pode ser o cenário mais provável, mas certamente não o mais conveniente ao paulistano honesto. Mesmo indignado com a comenda, este tem todo o interesse em que a corrupção seja denunciada, os corruptos, processados e o esquema, desmantelado, para evitar que no futuro o dinheiro de seus impostos volte a ser usado para enriquecer ilicitamente servidores espertinhos e políticos espertalhões.

Como mocinho em cena final do banguê-banguê, Pitta dispõe de uma bala só no revólver. A escolha dele é traír quem pediu votos para ele ou quem votou nele: só pode mirar o coração da *máfia da propina* – mesmo tendo, para isso, de cuspir no prato em que comeu – ou a própria cabeça. Ele, contudo, que não pense dispor de tempo para isso. Ou atira agora ou cai sem disparar.

